



## Vinculação aos pais e imagem corporal em jovens universitários

### Parental attachment and body image in young university students

Teresa Sousa Machado, Martina Dilenburg Scur, José Pacheco Miguel, José Tomás da Silva  
Universidade de Coimbra

#### Resumo

A segunda metade do século XX assiste ao aumento da prevalência de perturbações alimentares em adolescentes e jovens adultos. Os desafios desenvolvimentais nestas idades põem à prova a dialética entre autonomia/dependência, num mundo ocidental cheio de contradições e pressões para a excelência em todos os domínios, como se se vivesse em constante exposição; a imagem do corpo parecendo assumir-se como representando o *valor* do sujeito. Este trabalho avalia relações entre qualidade da vinculação aos pais e imagem corporal, em 424 universitários entre os 18-25 anos; mostrando relações significativas entre dimensões da vinculação aos pais e a satisfação e preocupação com o corpo. Os resultados são discutidos à luz dos modelos de desenvolvimento da vinculação.

*Palavras chave:* vinculação, imagem corporal, jovem adulto

#### Abstract

The second half of 20<sup>th</sup> century shows increased prevalence of eating disorders in adolescents and young adults. Developmental challenges at these ages tests the capacity to deal with dialectic between autonomy/dependency, in a Western world full of contradictions and pressures for excellence in all areas, as living in permanent exposure; the image of the body seeming to take itself the representation of the *value* of the person. This study evaluates relations between attachment to parents and body image in 424 College students (18-25 years old); significant relations between some of the attachment's dimensions and body satisfaction, and concern for the body, were found. Results are discussed in light of attachment developmental models.

*Keywords:* attachment, body image, young adult

#### Introdução

A *imagem do corpo*, ou seja, as representações mentais e sentimentos acerca do seu corpo, em diferentes estádios e contextos de vida (Ricciardelli & Yager, 2016), têm sido muito estudadas por sociólogos, filósofos, psicólogos cognitivos, psicólogos comportamentalistas, psicanalistas, neuropsicólogos e psicólogos do desenvolvimento (Knafo, 2016). O conceito de imagem do corpo inclui a consideração de quatro aspetos avaliativos – o aspeto percetivo (como vemos o corpo), o afetivo (o que se sente sobre o corpo), o cognitivo (pensamentos e crenças sobre o

corpo) e o aspeto comportamental (o que se faz ao corpo) (Ricciardelli & Yager, 2016). Como referem Waskul e Vannini (2006), “(...) o corpo é sempre mais do que um objeto tangível, físico, corpóreo (...), o corpo é também um enorme recetáculo de significado máximo da pessoa e da sociedade” (p.3); o que, mais uma vez nos lança para uma (nova) dialética de tipo cartesiana, neste caso, entre um *corpo concreto* e a *imagem* que dele se constrói. A extensão da insatisfação com a imagem do corpo no mundo ocidental contemporâneo é tal, que tem vindo a ser designada de “descontentamento normativo” (George, 2010; Grabe, Ward, & Hyde, 2008).

A *aparência* do sujeito assume-se como uma parte importante da sua identidade, sendo, em situações sociais, a primeira característica que se vê; e a falha em conseguir um corpo ideal traduz-se na insatisfação com o corpo (Shahyad, Pakdaman, & Shokri, 2015). Como referem Barbosa, Matos e Costa (2011), diversos autores começam a preocupar-se com as “influências sub-culturais mais imediatas”, como as dos pais, pares, e pares românticos, na perceção da imagem corporal. Ao longo do crescimento, a imagem do corpo tem um papel importante no desenvolvimento psicológico, levando a juízos de valor sobre os seus atributos físicos; juízos influenciados por ambientes e mensagens sociais que variam consoante o meio/cultura e época (Knafo, 2016). Em qualquer lugar, ou tempo histórico, “os corpos são ativamente cunhados com uma ou várias das marcas físicas das instituições sociais, incluindo idade, género, raça, etnicidade, religião” (Waskul & Vannini, 2013), influenciando, através dessa trama complexa a imagem que dele se constrói. É a partir do meio da infância que começam a destacar-se as preocupações com o corpo (Ata, Ludden, & Lally, 2007), e na adolescência, a consolidarem-se perturbações alimentares, para alterar um corpo que se repudia (Gander, Sevecke, & Buchheim, 2015). Por exemplo, num estudo com 150 raparigas norte-americanas, entre os 9 e 12 anos, entre quarenta e nove, a cinquenta e cinco por cento, afirmam-se insatisfeitas com o corpo, sendo as influências socioculturais (sobre imagem corporal) os pais, pares e *mass media*; conjugadas com influência de variáveis psicológicas como a autonomia, autoestima e afeto negativo; e variáveis biológicas como a idade e o índice de massa corporal (Clarl & Tiggeman,

2008). Uma investigação com 5585 cinco estudantes do ensino básico (8-9 anos, 49.1% raparigas) e secundário (11-12 anos, 53.9% raparigas), mostra a influência dos sintomas de internalização na percepção negativa da imagem corporal (em raparigas e rapazes), sugerindo que a insatisfação com o corpo traduz uma tendência para afetos negativos (Patalay, Sharpe, & Wolpert, 2015). Um grande inquérito com 5.147 estudantes do 5º ano (51% raparigas, 34% afro-americanos, 35% latinos e 24% brancos e 6% outros) mostra que nos rapazes, o apoio do pai e proximidade com os pares se relaciona negativamente com discrepâncias na imagem corporal; para as raparigas, o medo de avaliações negativas pelos pares relaciona-se positivamente com dissonâncias na imagem corporal. Para estas, o apoio da mãe relaciona-se positivamente com autoconceito físico positivo. Estes dados sugerem que é na família, e com os pares, que os jovens aprendem que “o excesso de peso não é atraente” (Dohnt & Tiggeman, 2006; Michael, Wentzel, Elliot, et al., 2016). Reforçando-se a ideia de que a influência dos comentários dos pais sobre o corpo dos filhos tem repercussões efetivas na insatisfação destes sobre o seu peso (Knafo, 2016); embora a sua influência tenda a diminuir ao longo da adolescência, e volte a ser novamente significativa mais tarde (Laible, Carlo, & Roesh, 2004). A imagem do corpo parece assim assumir-se como uma espécie de “porta de entrada” para o *valor* do sujeito, numa alegoria (primária) que muitos se esquecem de questionar. Compreendendo-se que os sujeitos com representações inseguras de si-mesmo, sejam mais vulneráveis às mudanças físicas da adolescência (Gander, Sevecke, & Buchheim, 2015; Terreno, Soares, Martins, Celani, & Sampaio, 2008). Os estudos apontam ainda que a maior fonte de insatisfação com o corpo, nas mulheres e nos homens, se deve a pressões da sociedade (para um *dado* ideal consoante o sexo), (McCabe & Ricciardelli, 2004; Stang & Story, 2005); parecendo esquecer-se que, *qualquer ideal*, é histórica e socialmente relativo – pelo que inerentemente questionável (Sopezki & Vaz, 2008). Se tradicionalmente se atribuíam (quase exclusivamente) às mulheres as preocupações com o corpo, investigações recentes mostram que essa insatisfação está hoje também muito presente nos homens e rapazes, associando-se (tal como às raparigas) a *distress* emocional (Allen & Walter, 2016; Zinovyeva, Kazantseva, & Nikonova, 2016). Para *eles*, o ideal contemporâneo valoriza o aumento do peso e musculatura, recorrendo, alguns, ao uso de esteroides anabólicos-andrógenos que os colocam em novos riscos de saúde física; reduzindo níveis de testosterona, com efeito na diminuição da fertilidade e aumento da agressividade, e ainda potenciando patologias cardíacas e endócrinas, entre outras; acrescem os riscos psicológicos como aumento dos níveis de ansiedade, transtornos do sono, paranoia e alucinações (Cunha, Cunha, Moura, & Marcondes, 2004; Leit, Pope, & Gray, 2001; Nogueira, et al., 2014). Os estudos mostram que alterações nas percepções da autoimagem corporal, nos homens, podem levar a preocupações mórbidas, que se expressam em preocupações irracionais de

“imperfeições” surgindo com grande visibilidade, designando-se de dismorfia muscular, “um transtorno recentemente descrito (...), e não devidamente definido” (Assunção, 2002; Azevedo, Ferreira, da Silva, Caminha, & Freitas, 2012). Essa distorção da imagem corporal nos homens “parece ser uma resposta equivalente àquela feminina em se adequar ao padrão corporal ideal, descrito e apreciado socialmente” (Assunção, 2002). Estas manifestações obsessivas com intuito de moldar um corpo idealizado são alvo de preocupação por parte de agências como o Comité Internacional Olímpico (IOC), ou, Organização Mundial de Saúde (WHO) (Nogueira, et al., 2014). Embora tais preocupações fossem, historicamente, atribuída aos atletas de elite, reconhece-se hoje que os atletas são uma minoria, sendo mais prevalente em situações recreativas e estéticas (Dunn & White, 2011; Halliwell, Dittmar, & Orsborn, 2007). Os anúncios publicitários, e sugestões de como “moldar” um corpo masculino aumentaram significativamente, multiplicando-se as publicações em revistas da especialidade. Os *mas media* não têm pruridos em divulgar imagens que traduzem ideais irrealistas, propiciando um aumento da insatisfação com a imagem corporal masculina (Halliwell, Dittmar, & Orsborn, 2007). Nas raparigas, destaca-se na literatura o recurso a estratégias pouco saudáveis de controlo do peso (como saltar refeições, usar supressores de apetite, laxantes, e pílulas de *speed*) (Ackard, Croll, & Kearney-Cooke, 2002). Quanto aos *media*, os estudos referem que estes não influirão diretamente na insatisfação com o corpo, mas relacionar-se-ão com a consciencialização de que existe, de facto, e ao contrário dos homens, um *ideal* de magreza nas mulheres (McCabe & Ricciardelli, 2005).

Ward, Ramsay e Treasure, em 2000, revendo estudos sobre desordens alimentares, concluíram que as vinculações inseguras (avaliadas com o AAI), são comuns nesses sujeitos, e refletem uma incapacidade (afetiva/cognitiva) de mentalizar adequadamente as experiências relacionais anteriores. Correlações diretas entre insegurança na vinculação e insatisfação com a imagem corporal associam-se a desordens alimentares (Ward, Ramsay, & Treasure, 2000). Compreende-se que sujeitos inseguros (no *self*), possam *corporizar* essa insegurança relacional (muitas vezes não consciencializável), na insatisfação, com o corpo; justificando o interesse dos investigadores pelas repercussões da qualidade do vínculo aos pais, no desenvolvimento do sujeito (Kuipers, Greet, & Bekker, 2012). Pelo contrário, os padrões seguros estão associados à autoestima expressando-se, e.g., em juízos do seu valor pessoal, sentimentos de competência, autoaceitação, e respeito pela diferença interindividual; mostrando os modelos internos das relações e do *self* nestes sujeitos, avaliações flexíveis de si e dos outros; pois que integram simultaneamente representações de experiências vincutivas positivas e negativas, com uma elaboração integrada que os protege de exclusões defensivas da informação relativa às relações significativas (Pietromonaco & Barret, 2000). Pelo contrário, a literatura sobre insegurança nas vinculações no jovem adulto mostra associações com o sofrimento

psicológico, e dificuldades em enfrentar mudanças que se associam a stressores usuais, como saída de casa para frequentar universidade, fazer *Erasmus*, ingressar no serviço militar; ou transições não normativas como adaptação a situações de divórcio (Lopez & Gormley, 2002). Alguns autores mostram que estilos inseguros de vinculação estão implicados na patogénese (global) da insatisfação com o corpo, e particularmente associados aos transtornos alimentares (Abbate-Daga, Gramaglia, Amianto, Marzola, & Fassino, 2010). Socialmente, os pares são também uma influência importante, com provocações e incentivos para perder peso a contribuir para a insatisfação com a imagem do corpo; sendo que as raparigas que comparam seus corpos com a de seus pares, tendem a ser mais propensas a relatar insatisfação com a imagem corporal (Wojtowicz & Von Ranson, 2012). Pelo contrário, a vinculação segura no jovem adulto, exercendo efeito similar ao da vinculação na infância, promove a exploração, o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, e satisfação consigo (Allen, McElhaney, Kupermine, & Jodl, 2004); o que favorece maior flexibilidade afetiva e cognitiva. A abordagem clínica refere, por seu turno, a influência negativa de padrões de pensamento predominantemente polarizados – i.e., encarar as situações apenas em duas categorias (e.g., como certo/errado, gordo/magro, alto/baixo), em vez de admitir várias alternativas. Esse pensamento dicotómico tem maior impacto na conceção de imagens (corporais) irrealistas (Lethbridge, Watson, Egan, Street, & Nathan, 2011). Duas facetas da avaliação da imagem corporal – *avaliação* (e.g., satisfação com a imagem) e *investimento* adequado na aparência, estão associadas ao funcionamento psicológico saudável, sendo que ambas se relacionam positivamente com a autoestima, confiança interpessoal, estabilidade emocional, exercício físico e comportamento sexual (Cash & Fleming, 2002). Compreende-se que a imagem do corpo seja caracterizada como um constructo multidimensional, que incorpora auto-percepções, atitudes, sentimentos e comportamentos acerca da aparência física do próprio (Brink, Smeets, Hessen, & Woertman, 2016).

## Método

### Participantes

A amostra é composta por 424 jovens adultos, de ambos os sexos, 216 raparigas (50.9%), e 208 rapazes (49.1%). A idade varia entre os 18 e 25 anos ( $M = 20.51$ ,  $DP = 1.81$ ), inscritos na Universidade de Coimbra, tratando-se de amostra por conveniência.

### Instrumentos

**Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA-R).** O IPPA-R (Armsden & Greenberg; Gullonne & Robinson, 2005;), avalia a qualidade afetiva-cognitiva da relação com os pais. A presente versão (Figueiredo e Machado, 2008) é composta por 25 itens, em três dimensões: *Comunicação e proximidade afetiva* ( $\alpha = 0.91$ ); *Aceitação-mútua compreensão* ( $\alpha = 0.77$ ) e *Afastamento-rejeição* ( $\alpha = 0.72$ ); cotadas numa escala tipo Likert de 5 pontos (de “Nunca verdadeira” a

“Sempre verdadeira”). Valores mais elevados nas dimensões *Comunicação-proximidade afetiva* e *Aceitação mútua-compreensão*, e menos elevados no *Afastamento-rejeição*, sugerem vinculações seguras.

**Escala de Estima Corporal (EEC).** A *Body Esteem Scale*, de Franzoi e Shiels (1984), validada para Portugal por Barbosa (2001), avalia – na presente amostra – a satisfação com o corpo em mulheres e homens nas dimensões “satisfação com o peso”. No presente estudo os valores de alfa são respetivamente ( $\alpha=0.90$ ) para “satisfação com o corpo; ( $\alpha = 0.83$ ) para “atração sexual/física” ( $\alpha = 0.83$ ); e ( $\alpha = 0.79$ ), para “sexualidade”. A presente versão tem 23 itens (escala tipo Likert de 5 pontos; maior cotação traduz maior satisfação com o corpo).

**Questionário da Forma Corporal (QFC).** Proposto por Cooper e col. (1987), validada para Portugal por Pimenta, Leal, Maroco e Rosa (2012), avalia a preocupação com o corpo (num formato de 34 itens, cotados numa escala tipo Likert de 6 pontos (com  $\alpha = 0.96$ , no presente estudo), de 1 = nunca a 6= sempre; podendo variar a cotação de 34 a 204). Valores mais elevados traduzem maior preocupação com o corpo.

## Resultados

Em primeiro lugar avaliou-se qual das figuras parentais (Mãe, Pai, ambos) era mais escolhida pelos jovens para responderem ao questionário de vinculação aos pais (IPPA-R), verificando-se ser “ambos os Pais” a opção mais escolhida (70%), seguido de, apenas, a Mãe (23%), e com menor expressão, a figura paterna (7%). Os jovens parecem conferir a ambos os pais a função de disponibilizar a segurança, proteção e afeto. A percepção de poderem contar com o apoio e proximidade aos pais, reflete-se nos valores superiores das cotações nas dimensões (positivas) de vinculação; como é o caso da “*Comunicação-Proximidade*” e “*Aceitação-mútua*”, que correlacionam (ambas) negativamente com a preocupação com o corpo (avaliado com QFC). Pelo contrário, a dimensão “*Afastamento-rejeição*” correlaciona positiva e de modo significativo com as preocupações manifestadas sobre o corpo (QFC). Considerando as relações entre vinculação segura aos pais (i.e. os padrões que apresentam valores mais elevados na *Comunicação-proximidade* e *Aceitação-mútua* e mais baixos no *Afastamento*), verificam-se correlações significativas apenas entre a dimensão *Comunicação* (IPPA) e a satisfação com o corpo (EEC- Escala de Estima Corporal). A dimensão *Comunicação-proximidade* (IPPA) correlaciona significativamente com com a “atração física” e “satisfação com o peso” (EEC). Estes dados sugerem que numa relação entre pais-filhos, com uma boa comunicação entre ambos, os filhos tendem a apresentar maior satisfação com o corpo. O maior *Afastamento*, reportado no IPPA-R, associa-se a maior preocupação com o corpo. Testaram-se ainda as diferenças entre os sexos para vinculação (IPPA-R), preocupação com o corpo (CFQ) e satisfação com o corpo (EEC), observando-se diferenças significativas. Com efeito, para os homens, a vinculação segura, associa-se a uma

relação saudável com o corpo. No entanto, para as mulheres, apenas o *Afastamento* aos pais (IPPA) correlaciona com maior preocupação com o corpo (CFQ). Nos homens, a satisfação com o peso e com a sexualidade associam-se a menor preocupação com o corpo.

### Discussão

Muitos adolescentes e jovens adultos estão insatisfeitos com o seu peso e forma do corpo, sendo que a literatura refere

Os dados do presente estudo são bastante elucidativos do relevo atribuído à imagem corporal na satisfação e/ou preocupações com o corpo. Considerando que a “imagem corporal” não é um conceito físico (concreto), mas sim uma construção individual do sujeito, justifica-se o interesse em avaliar variáveis que determinem a qualidade dessa construção. A literatura tem vindo a destacar a influência dos pais, para além da dos pares, na conceção que o sujeito constrói de si mesmo; justificando-se que a qualidade da vinculação influencie a percepção que se constrói da sua imagem. Estudos recentes especificam variáveis parentais, como os comentários de “gozo” feito pelos pais acerca do físico dos filhos influenciam a insatisfação com o corpo (Schaefer & Salafia, 2014). O presente estudo reforça resultados descritos em diferentes contextos (países diversos e amostras de jovens de diferentes idades) sobre a influência dos pais na percepção da imagem corporal construída pelos filhos. Neste sentido, a intervenção clínica no sentido de prevenir construções distorcidas acerca do corpo, deveria contemplar não só os jovens adultos, como também os seus pais (Ata, Ludden, & Lally, 2007; Clark & Tiggeman, 2008; Knafo, 2016; Schaefer & Salafia, 2014).

### Referências

- Abbate-Daga, G., Gramaglia, C., Amianto, F., Marzola, E., & Fassino, S. (2010). Attachment insecurity, personality, and body dissatisfaction in eating disorders. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 198(7), 520-524. doi: 10.1097/NMD.0b013e3181e526c8
- Ackard, D. M., Croll, J. K., & Kearney-Cooke, A. (2002). Dieting frequency among college females: Association with disordered eating, body image, and related psychological problems. *Journal of Psychosomatic Research*, 52, 129-136.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kupermine, G. P., & Jodl, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75(6), 1792-1805. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00817.x
- Allen, M. S., & Walter, E. E. (2016). Personality and body image: A systematic review. *Body Image*, 19, 79-88. doi: 10.1016/j.bodyim.2016.08.012
- Assunção, S. S. M. (2002). Dismorfia muscular. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(Supl III), 81-84.
- Ata, R. N., Ludden, A. B. L., & Lally, M. M. (2007). The effects of gender and family, friend, and media influences on eating behaviors and body image during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 36, 1024-1037. doi: 10.1007/s10964-006-9159-x
- Azevedo, A. P., Ferreira, A. C., Da Silva, P. P., Caminha, I. O., & Freitas, C. M. (2012). Dismorfia muscular: A busca pelo corpo hipermusculoso. *Motricidade*, 8(1), 53-66. doi: 10.6063/motricidade.8(1).240
- Barbosa, R. B., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). As relações de vinculação e a imagem corporal: exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 273-282.
- Brink, F. V., Smeets, M. A. M., Hessen, D. J., & Woertman, L. (2016). Positive body image and sexual functioning in Dutch female University students: The role of adult romantic attachment. *Archives of Sexual Behavior*, 45, 1217-1226. doi: 10.1007/s10508-015-0511-7
- Cash, T. F. & Fleming, E. C. (2002). The impact of body image experiences: Development of the body image quality of life inventory. *International Journal of Eating Disorders*, 31, 455-460. doi: 10.1002/eat.10033
- Clark, L., & Tiggeman, M. (2008). Sociocultural and individual psychology predictors of body image in young girls: A prospective study. *Developmental Psychology*, 44(4), 1124-1134. doi: 10.1037/0012-1649.44.4.1124
- Cunha, T. S., Cunha, N. S., Moura, M. J. C. S., & Marcondes, F. K. (2004). Esteróides anabólicos androgênicos e sua relação com a prática desportiva. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, 40(2), 165-179.
- Dohnt, H. & Tiggemann, M. (2006). The contribution of peer and media influences to the development of body satisfaction and self-esteem in Young girls: A prospective study. *Developmental Psychology*, 42, 929-936. doi: 10.1037/0012-1649.42.5.929
- Dunn, M. & White, V. (2011). The epidemiology of anabolic-androgenic steroid use among Australian secondary school students. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 14, 10-14. doi: 10.1016/j.jsams.2010.05.004
- Gander, M., Sevecke, K., & Buchheim, A. (2015). Eating disorders in adolescence: attachment issues from a developmental perspective. *Frontiers in Psychology*, Vol.6, Article 1136. doi: 10.3389/fpsyg.2015.01136
- George, H. R. (2010). The effects of media exposure on body dissatisfaction and cognitive bias in adolescent girls and boys. Thesis in Doctor of Clinical Psychology. The University of Leeds, Academic Unit Psychiatry and Behavioural Sciences, School of Medicine.
- Grabe, S., Ward, L. M., & Hyde, J. S. (2008). The role of the media in body image concerns among women: A meta-analysis of experimental and correlational studies. *Psychological Bulletin*, 134(3), 460-476. doi: 10.1037/0033-2909.134.3.460
- Gullone, E. & Robinson, K. (2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment revised (IPPA-R) for children: a psychometric investigation. *Clinical*

- Psychology and Psychotherapy, 12, 67-79. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.433>
- Halliwell, E., Dittmar, H., & Orsborn, A. (2007). The effects of exposure to muscular male models among men: Exploring the moderating role of gym use and exercise motivation. *Body Image*, 4(3), 278-287. doi:10.1016/j.bodyim.2007.04.006
- Knafo, H. (2016). The development of body image in school-aged girls: A review of the literature from sociocultural, social learning theory, psychoanalytic, and attachment theory perspectives. *The New School Psychology Bulletin*, 13(2), 1-16.
- Kuipers, G. S., & Bekker, M. H. J. (2012). Attachment, mentalization and eating disorders: A review of studies using Adult Attachment Interview. *Current Psychiatry Review*, 8(4), 326-336. doi: 10.2174/157340012803520478
- Laible, D. J., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Journal of Adolescence*, 27(6), 703-716. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.05.005
- Leit, R. A., Pope, H. G., & Gray, J. J. (2001). Cultural expectations of muscularity in men: The evolution of playgirl centrefolds. *International Journal of Eating Disorders*, 29(1), 90-93. doi: 10.1002/1098-108X(200101)
- Lethbridge, J., Watson, H. J., Egan, S. J., Street, H., & Nathan, P. R. (2011). The role of perfectionism, dichotomous thinking, shape and weight overvaluation, and conditional goal setting in eating disorders. *Eating Behaviors*, 12(3), 200-206. doi: 10.1016/j.eatbeh.2011.04.003
- Lopez, F. G., & Gormley, B. (2002). Stability and change in adult attachment style over the first-year College transition: Relations to self-confidence, coping, and distress patterns. *Journal of Counseling Psychology*, 49(3), 355-364. doi: 10.1073//0022-0167.49.3.355
- Machado, T. S. & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a pais, pares e professores – estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. *Psychologica*, 53, 27-45.
- McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. (2004). Body image dissatisfaction among males across the lifespan. A review of past literature. *Journal of Psychosomatic Research*, 56, 675-685. doi: 10.1016/S0022-3999(03)00129-6
- McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. (2005). A prospective study of pressures from parents, peers, and the media on extreme weight change behaviors among adolescent boys and girls. *Behaviour Research and Therapy*, 43, 653-668. doi:10.1016/j.brat.2004.05.004
- Michael, S. L., Wentzel, K., et al. (2014). Parental and peer factors associated with body image discrepancy among fifth-grade boys and girls. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(1), 15-29. doi: 10.1007/s10964-012-9899-8
- Nogueira, F. R. S., Brito, A. F., Oliveira, C. V. C., Vieira, T. I., & Gouveia, R. L. B. (2014). Anabolic-androgenic steroid use among Brazilian bodybuilders. *Substance Use & Misuse*, 1-8. doi:10.3109/10826084.2014.912062
- Patalay, P., Sharpe, & Wolpert, (2015). Internalising symptoms and body dissatisfaction: untangling temporal precedence using cross-lagged models in two cohorts. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 56, 1223-1230. doi: 10.1111/jcpp.12415
- Pietromonaco, P. R. & Barret, L. F. (2000). The internal working models concept: What do we know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4, 155-175. doi: 10.1037/1089-2680.4.2.155
- Ricciardelli, L. A. & Yager, Z. (2016). Adolescence and body image: from development to preventing dissatisfaction. New York: Routledge.
- Schaefer, M. K. & Salafia, E. H. B. (2014). The connection of teasing by parents, siblings, and peers with girls' body dissatisfaction and boy' drive for muscularity: The role of social comparison as mediator. *Eating Behaviors*, 15, 599-608. doi: 10.1016/j.eatbeh.2014.08.018
- Shahyad, S., Pakdaman, S., & Shokri, O. (2015). Prediction of body dissatisfaction from self-esteem, thin-ideal internalization and appearance-related social comparison. *International Journal of Travel Medicine and Global Health*, 3(2), 65-69.
- Sopezki, D. & Vaz, C. E. (2008). O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares. *Interação em Psicologia*, 12(2), 267-275.
- Stang, J. & Story, M. (Eds.) (2005). Guidelines for adolescent nutrition services. Minneapolis, MN: Center for Leadership, Education and Training in Maternal and Child Nutrition, Division of epidemiology and Community Health, School of Public Health, University of Minnesota.
- Terreno, S., Soares, I., Martins, C., Celani, M. & Sampaio, D. (2008). Attachment styles, memories of parental rearing and therapeutic bond: A study with eating disordered patients, their parents and therapists. *European Eating Disorders Review*, 16, 49-58. doi: 10.1002/erv.801
- Ward, A., Ramsay, R., & Treasure, (2000). Attachment research in eating disorders. *British Journal of Medical Psychology*, 73, 35-51.
- Waskul, D. D., & Vannini, P. (2006). Introduction: The body in symbolic interaction. In D. Waskul & P. Vannini (Eds.) *Body/Embodiment: Symbolic interaction and the sociology of the body*, pp.1-18. Ashgate: Hamshire.
- Waskul, D. D., & Vannini, P. (2013). The performative body: Dramaturgy, the body, and embodiment. In C. infancy?Edgley (Ed.), *The drama of social life: A dramaturgical handbook*. Ashgate: Hamshire.
- Wojtowicz, A. E. & von Ranson, K. M. (2012). Weighing in on risk factors for body dissatisfaction: A one-year prospective study of middle-adolescent girls. *Body Image*, 9 (1), 20-30.
- Zinovyeva, E. V., Kazantseva, T. V., & Nikonova, A. N. (2016). Self-esteem and loneliness in Russian adolescents with body dissatisfaction. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 233, 367-371. doi: 10.1016/j.sbspro.2016.10.160 License: CC BY-NC-ND 4.0.